

O escândalo do corpo falante



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI

EDITORA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO

MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Coleção Letras da Psicanálise

Coordenação

NINA VIRGINIA DE ARAÚJO LEITE

Comissão Editorial

BETTY FUKS – FLÁVIA TROCOLI

MARKUS LASCH – PAULO SÉRGIO DE SOUZA JR.

EDWIGES MORATO (Representante do Conselho)

Shoshana Felman

O ESCÂNDALO
DO CORPO FALANTE
DON JUAN COM AUSTIN, OU
A SEDUÇÃO EM DUAS LÍNGUAS

Tradução

João Rocha

Lucia Castello Branco

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

F336e Felman, Shoshana
O escândalo do corpo falante : Don Juan com Austin, ou a sedução em duas línguas / Shoshana Felman; tradutores : João Rocha e Lucia Castello Branco.
-- Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2022.

(Letras da psicanálise)

Tradução de: *Le scandale du corps parlant*.

1. Austin, J. L. (John Langshaw), 1911-1960. 2. Lacan, Jacques, 1901-1981.
3. Molière, 1622-1673. 4. Psicanálise e literatura. 5. Corpo humano e linguagem.
I. Rocha, João. II. Castello Branco, Lucia. III. Título.

CDD 150.1952
801.92

ISBN 978-85-268-1561-2

Título original: *Le scandale du corps parlant*

Copyright © by Shoshana Felman

Copyright © da tradução: João Rocha e Lucia Castello Branco

Copyright © 2022 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.
Foi feito o depósito legal.

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

COLEÇÃO LETRAS DA PSICANÁLISE

A coleção pretende não apenas tornar públicos os títulos que se consagraram como clássicos na área, como, principalmente, estender o seu domínio para temas atuais dentro do campo das relações entre os estudos sobre a linguagem (em seus diversos desdobramentos) e a psicanálise. Assim, Letras da Psicanálise pretende dar prioridade a autores brasileiros que, atuando no campo de conexões da psicanálise com a literatura, buscam refletir e fazer avançar as pesquisas e os estudos dedicados a temas de interesse contemporâneo (no sentido de Agamben). Tal prioridade evidentemente não descarta a possibilidade de eventuais propostas de textos de autores estrangeiros que atendam aos objetivos da coleção, especialmente no que se refere aos temas atuais de pesquisa.



A morte de Caton, 1824, autoria anônima, coleção Musée National Eugène-Delacroix.

Por que esse quadro evoca para mim a figura do *corpo falante*?
A espada – instrumento donjuanesco por excelência
A cama, o nu
O corpo estirado,
atravessado
O erotismo ligado à morte
A mão em oferta, num gesto ambíguo de vivo ou de morto
de orador ou de amante
O outro
dando-se à morte
ou portando a pena
Por que a sedução enigmática desse quadro diz tudo sobre o escândalo?

S. F.

DON JUAN: Espectro, fantasma ou diabo, eu quero ver o que é [...].
Vou comprovar com minha espada se é um corpo ou um espírito.

Molière, *Don Juan* (V, iv)

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA:	
O GRANDE ESCÂNDALO DE SHOSHANA FELMAN	11
PREFÁCIO: O ANIMAL PROMITENTE.....	21
1. ENTRE A LINGUÍSTICA E A FILOSOFIA DA LINGUAGEM:	
TEORIAS DA PROMESSA, PROMESSAS DA TEORIA	27
2. A PERVERSÃO DA PROMESSA:	
DON JUAN E A PERFORMANCE LITERÁRIA	37
3. O ESCÂNDALO DO PERFORMATIVO	75
4. CONHECIMENTO E GOZO, OU A PERFORMANCE DO FILÓSOFO (PSICANÁLISE E PERFORMATIVO).....	87

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA
O GRANDE ESCÂNDALO
DE SHOSHANA FELMAN

Ao analisar o impacto do performativo para o campo da ciência, Shoshana Felman assinala esta frase dita por Freud, quando introduziu a psicanálise nos Estados Unidos da América: “Eles não sabem que trago a peste”. O discurso psicanalítico, assim como o performativo, impacta a história, segundo Lacan, como “uma epidemia científica”, ou seja, “quando alguma coisa é tomada como uma simples emergência, quando é de fato uma ruptura radical”. E o que provoca essa ruptura radical, esse escândalo? Um corpo que fala pela letra – *par la lettre, parlêtre* –, um corpo falante.

A peste trazida pela psicanálise e pelo performativo é a mesma apresentada pela “coisa literária”, que, nas palavras de Silvina Rodrigues Lopes, nos coloca em face de um mal (“ou bem? A distinção deixa de fazer sentido.”): a doença do infinito.¹ O escândalo do corpo falante é que, ao falar, ele não diz o sentido,

1 Silvina Rodrigues Lopes, *Teoria da des-posseção: sobre textos de Maria Gabriela Llansol*, Lisboa, Averno, 2013, p. 9.

mas promete dizê-lo. E o campo da promessa é o mesmo do desastre,² isto é, estamos fadados a fracassar, a não cumprir a palavra empenhada, a dar o que não temos. Nesse sentido, segundo Felman e sua leitura de *Don Juan*, prometer é amar. Nossa tradução é, assim, uma promessa amorosa – mesmo fadada ao fracasso, mesmo sabendo da impossibilidade de escrever com precisão as palavras de amor, tentamos, como a autora, encontrar aqui nosso prazer: “Talvez eu tenha somente dito aqui a sedução que exerceram sobre mim certos textos, certas teorias, certas línguas; talvez tenha somente feito, de minha parte, neste livro, perpetuar o escândalo, articular minha própria promessa. Talvez tenha dito aqui nada mais que o desconhecido de meu próprio prazer... Que o leitor encontre aqui, ao menos, o seu prazer – esta é minha esperança”.

Traduzir, portanto, *O escândalo do corpo falante* obrigou-nos a encontrar, em meio às letras soletradas por esse corpo, nosso próprio prazer. Dessa maneira, a tradução só poderia se valer de uma técnica que, ao lançar menos luz na produção de sentido, mirasse a linguagem “atapetada da pele”, o grão da voz: a arte de conduzir um corpo.³ O corpo aqui é o do texto e as inúmeras vozes que dele ressoam: Shoshana, Austin, Lacan, Molière, Benveniste, Nietzsche etc. Conduzir esse corpo escrito em francês para o

2 A noção de desastre é desenvolvida por Maurice Blanchot, em seu livro *L'écriture du désastre*, e remete a uma experiência em que tudo aquilo que poderia criar alguma espécie de totalidade se arruína, pois no campo do desastre, segundo o autor, “nós caímos para fora do ser, para fora da letra, no campo do fora onde, imóveis, caminhando com passos iguais e lentos, vão e vêm os homens destruídos”. Maurice Blanchot, “A escrita do desastre (Fragmentos caídos de um texto ardente)”, trad. João Rocha, *Em Tese*, vol. 21, n. 2, jan. 2016, pp. 147-151. Disponível em <<http://www.periodicos.lettras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/9627>>. Acesso em 31/5/2022.

3 Roland Barthes, *O prazer do texto*, São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 77.

português exigiu de nós certo desastre, certa destreza ao caminhar por entre a sedução em duas línguas.

Em um primeiro momento, com exceção dos seminários de Lacan, que, seguindo indicação da autora, traduziríamos, de antemão, direto de suas anotações (como aparecem no original), decidimos utilizar, para os outros textos, traduções já estabelecidas para o português. Para *Don Juan*, por exemplo, usaríamos a tradução de Millôr Fernandes. No entanto, como Shoshana trabalha ao pé da letra com o texto de Molière, isto é, destaca, em suas citações, significantes fundamentais para o desenvolvimento de sua argumentação, as traduções de Millôr não funcionavam, pois não privilegiavam os mesmos significantes e às vezes os traduziam recorrendo à criação de metáforas ou até mesmo suprimindo-os. Dessa maneira, ficou inviável usar esta ou qualquer outra tradução dos textos citados por Felman. A própria autora, sobretudo em relação aos textos de Austin, trabalha com o que ela chama de “traduções modificadas”, o que lhe permite trabalhar no nível da letra os textos do autor.

É assim que, honrados, e com alegria, apresentamos ao leitor brasileiro – especialmente, aos leitores do que temos chamado de “psicanálise literária” – mais um livro de Shoshana Felman. E, para precisar algumas questões do pensamento dessa autora, que seria citada, durante um bom tempo na França, como “*la femme qui a fait Lacan traverser l’Atlantique*”,⁴ evocamos estas palavras de Lacan: “Já que se trata de tomar o desejo e que ele só pode ser tomado ao pé da letra, porquanto são as redes da letra que determinam, que sobredeterminam seu lugar de pássaro celeste, como

4 Ouvimos da própria Shoshana Felman essa frase, referente ao fato de ter sido ela a responsável pelo convite feito a Lacan para proferir uma conferência na Universidade de Yale, em 1975, onde foi recebido oficialmente por Paul de Man.

não exigir do passarinho que ele seja, antes de mais nada, um letrado?”⁵

Shoshana Felman, como sabemos, sempre foi uma “passarinheira letrada”. Professora de literaturas românicas na Universidade de Yale, da década de 1970 até 2004, e discípula de Paul de Man, foi ela a responsável pelo convite feito a Lacan, com quem já mantinha havia alguns anos uma fecunda *amitié*, para proferir a conferência nessa Universidade, em 1975. O pensamento de Lacan, sobretudo, mas também o pensamento de Austin e de Paul de Man, assim como o método desconstrutivista de Derrida, sempre em brilhantes articulações promovidas pela autora, dão origem a suas leituras no campo dos Estudos Literários e do Direito, terminando por construir importantes conceitos que muitas vezes fazem avançar a teoria e a clínica psicanalíticas. Lacan não ignorou esse fato, sabemos, e deu considerável atenção a essa moça, que, tímida e ousadamente, um dia lhe falou, ao fim de um de seus seminários, de sua dissertação de mestrado sobre Stendhal.⁶

Digamos, já de início, que dois dos importantes conceitos de Shoshana Felman, construídos sob inspiração lacaniana, mas não só, são os de “coisa literária” e de “corpo falante”. Essa última expressão, a que Lacan faz uma breve alusão em seu *Seminário 20, Encore* – sem fazer dela propriamente um conceito,⁷ como o *parlêtre* –, é o conceito fundamental deste livro de autoria de Shoshana Felman, publicado pela primeira vez na França, no

5 Jacques Lacan, “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” [1958], *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 648.

6 Parte dessa história é registrada no livro *Shoshana Felman e a coisa literária: escrita, loucura, psicanálise*, Belo Horizonte, Letramento, 2020, pp. 13-16.

7 Uma das poucas frases de Lacan em que aparece a expressão “corpo falante”, ao longo do seminário *Encore*, é esta: “O real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”. Jacques Lacan, *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*, 2. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 178.

ano de 1980,⁸ mas arquitetado e escrito durante a década de 1970, quando ela manteve um diálogo constante com Jacques Lacan, assistindo a seus seminários e saindo para jantar com ele em seguida, para muitas vezes dizer a ele o que ela mesma havia escutado de brilhante e de original naquela noite, quando o próprio Lacan duvidava de ter conseguido transmitir o que pretendia.⁹

Todas essas breves digressões parecem-nos necessárias para sublinhar que o conceito de Shoshana Felman chega ao Brasil, por via da psicanálise, como se fosse um conceito do próprio Lacan, ou de uma certa “orientação lacaniana”, como sinônimo do *parlêtre*. E isso não nos parece preciso, tampouco convincente. A aproximação do “corpo falante” ao *parlêtre*, a própria Shoshana Felman insinua-a a partir da aproximação entre o pensamento de

8 Este livro, que causou bastante impacto na França, quando foi publicado, foi logo em seguida traduzido para o inglês com o título *The literary speech act*, pela Cornell University Press. Numa segunda edição, em 2003, pela Stanford University Press, ele recebe uma outra tradução para o título: *The scandal of the speaking body*. Judith Butler, no Posfácio a essa edição, assinala muito justamente que, na segunda edição, o livro recebe de volta o corpo que havia perdido na primeira, e que isso é fundamental, pois “não há ato de linguagem sem o corpo”. Judith Butler, “Afterword”, in: Shoshana Felman, *The scandal of the speaking body: Don Juan with J. L. Austin, or Seduction in two languages*, trad. Catherine Porter, California, Stanford University Press, 2003, pp. 113-123. Bastante mais cuidadosa que as anteriores, a edição possui Posfácio de Judith Butler e Prefácio de Stanley Cavell, escritos especialmente para a nova edição, além de uma nova Apresentação de Shoshana Felman para o livro e um precioso Índice ao final. Isso demonstra a importância desse trabalho, ainda 22 anos depois de sua primeira edição, como pretendemos demonstrá-la hoje, 21 anos depois dessa edição em inglês e 42 anos depois da primeira edição em francês, com uma nova tradução, agora para o português, em que assinalamos não só o retorno do “corpo”, mas também o do “escândalo” que nos parece ser, no Brasil, o apagamento do nome de Shoshana Felman, quando a autoria do conceito de “corpo falante” não é a ela atribuída.

9 A esse respeito, ver *Shoshana Felman e a coisa literária*, op. cit., pp. 13-16.

Lacan e o de Austin, sobretudo no que se refere ao ato performativo – ato de fala, ato analítico.

Assim, o corpo falante, para Shoshana, é sempre um escândalo, não por aquilo que um corpo tem de erótico, mas por uma espécie de erótica da fala, em que a palavra sempre promitente do sujeito se engaja. É a promessa de amor, por fim, aquela em que Don Juan empenha sua palavra (e, portanto, seu corpo falante), o verdadeiro escândalo:

O escândalo, segundo Austin, remonta, então, à lógica performativa do “dom do que não se tem”, pela qual, por outro lado, Lacan define precisamente o amor. O escândalo, em outros termos, é sempre, de uma certa maneira, aquele de uma promessa de amor, aquele mesmo do *insustentável*, ou seja, ainda e sempre, o escândalo – donjuanesco por excelência – do animal promitente, incapaz de sustentar sua promessa, incapaz de não fazê-la, impotente ao mesmo tempo para cumprir o engajamento e para não *se engajar*, jogar acima de seus meios, jogar, precisamente, com o diabo: o escândalo do corpo falante que, de sua falta a si e aos outros, faz ato e faz a história.

No Brasil, são raros os trabalhos que articulam o pensamento lacaniano ao pensamento de Austin. Não por acaso, é também no livro de um “passarinheiro letrado” que vamos encontrar importantes articulações entre os atos de fala, tal como definidos pela teoria do performativo em Austin, e o significante. Em *Atos de fala*, de Jairo Gerbase (livro que, curiosamente, não se refere em nenhum momento ao trabalho de Shoshana Felman), encontraremos esta formulação: “O ato psicanalítico, por que não é um ato de linguagem? Eu acho estranho que se diga significante e ato, porque significante é ato”.¹⁰ E, mais adiante: “Quero crer que

¹⁰ Jairo Gerbase, “O ato psicanalítico é um ato performativo?”, *Atos de fala*, Salvador, Campo Psicanalítico, 2015, p. 94.

as formações do significante, atos falhos, sonhos, chistes e sintomas sejam exemplos de atos ilocutórios”.¹¹

É precisamente essa a hipótese formulada, neste livro, por Shoshana Felman, que nos parece claramente comprovada em sua conclusão, quando a autora, retomando as *co-incidências* entre as teorias de Austin e Lacan, afirma a materialidade do corpo falante com estas palavras:

Eu diria que é num sentido paralelo à descoberta matéria/energia que Austin descobre a unidade singular do ato de linguagem (pequenos pedaços de frases, locuções, átomos do corpo falante) e a energia ou a “força” (de enunciação), esse espaço do indecível entre matéria e energia, entre as “coisas” e os “acontecimentos”. E aí ainda a energia só se obtém pela explosão dos átomos semânticos, o ganho de “força” só se efetua ao preço da perda ou da explosão da matéria significante.

Trata-se, então, na descoberta austiniana (como, aliás, na descoberta freudiana), da intuição de nada menos que um *novo tipo de materialismo*. Eu diria que o materialismo de Austin está *entre* o materialismo da psicanálise e o da física atômica, uma vez que, como a psicanálise, ele está envolvido pelo corpo falante, e uma vez que ele desloca a noção de ato da mesma maneira que a física relativista desloca a noção de matéria.

Parece-nos que chegamos, assim, de maneira menos tortuosa que a de alguns de seus comentadores, ao que Lacan formulou como o *parlêtre*,¹² desessencializando-o de toda a ontologia do “ser” para formulá-lo com um pensamento que evoca “um novo tipo de materialismo”. Pois a verdade é que o que se condensa, no *parlêtre*, não é o corpo e a palavra, mas o ser e a fala, evocando antes

11 Jairo Gerbase, “Ato de fala e ato analítico”, *Atos de fala, op. cit.*, p. 97.

12 A tradução do termo nas edições da Zahar é “falasser”.

o “ser falante” que o “corpo falante”. No entanto, sabemos que há um corpo aí que retorna não mais como ser, mas como letra – um corpo só letrado –, justamente no mesmo momento em que Lacan se encontra com o texto de Joyce e formula outro conceito importante, o de *sinthome*.

É por uma letra, *parlêtre* (“porletra”), que o sinthoma não é o sintoma. É também por ser um corpo letrado, e não exatamente um corpo significantizado, que o “corpo falante” de Shoshana Felman se encontra com o *parlêtre* de Lacan. “O insucesso do inconsciente é o amor”, sugere Lacan em seu *Seminário 24*, “L’insuque sait de l’une bévue s’aile a mourre”, proferido em 1977. O que, na língua de Felman, pode ser lido como “O fracasso do corpo falante é sua promessa de amor”.

Também o “corpo falante”, em Felman, desloca-se, em sua nova forma de materialidade, do significante para a letra. Lembremos que sua formulação, como a de Lacan sobre Joyce, parte de um texto, de um corpo só letrado: o *Don Juan*, de Molière. E, se formos suficientemente ousados, como buscamos ser na literalidade de nossa tradução, seguindo a orientação da própria autora, diremos que o corpo falante é letrado, na medida em que, ao prometer, ele assina seu contrato de “animal promitente” (*prometteur*), penhorando um valor que jamais será restituído, pois se trata de “um dom que não se tem”.

É também em importante formulação, em *O homem tem um corpo*, que Jairo Gerbase, sem atribuir a Lacan a autoria do conceito de “corpo falante” e referindo-se à expressão pouquíssimas vezes, assinala: “A substância do ser é a fala, o ser é ser falante. Vem daí o falasser que irá substituir o inconsciente de Freud”.¹³ E, mais adiante, leremos: “Se, no início de seu ensino, Lacan dissocia

13 Jairo Gerbase, “UOM tem um corpo”, *O homem tem um corpo*, Salvador, Campo Psicanalítico, 2020, p. 26.

linguagem e corpo, a partir de *Encore* e de *Radiofonia*, ele introduz a conjunção dos dois, avança na ideia de que a linguagem premia um corpo”.¹⁴

Encontrar, no mar das línguas, uma palavra que faça ressoar, no seio de uma língua estrangeira, se não os mesmos significantes, uma melodia, um tom, um timbre próximos talvez seja o prazer de um tradutor. O nosso certamente passa por aí. Nesse sentido, somos tradutores promitentes, pois, ao entregarmos um texto no qual seus leitores podem mirar na construção do sentido (já que se trata de um texto teórico), miramos no que sustenta a promessa de uma tradução: o desastre (já que traduzir é saber, de antemão, a impossibilidade da relação sexual).

Ao nos empenharmos na promessa de dar o que não temos, afirmamos, a partir da experiência da tradução de *O escândalo do corpo falante*, que a peste, assinalada por Shoshana em *Don Juan*, Austin e Lacan, ao criar uma ruptura radical na história da psicanálise, da linguística, da filosofia e da literatura, é o amor. Por isso, podemos dizer que traduzir é uma das formas de prometer, isto é, de fazer o amor. Fazer o amor *parlêtre*, por uma letra, soletrado: eis o desejo de uma tradução literal, que, se não chega à poesia (“Fazer amor, como o nome o indica, é poesia.”¹⁵), almeja redoar ao texto de Felman a sua ousadia teórica, enfatizando sua construção de um conceito a partir de uma expressão que poderia ser banal – o corpo falante –, se não fosse considerada sua dimensão de ato performativo.

Sejamos, então, como leitores letrados e pós-joyceanos, também premiados por este conceito de Shoshana Felman, o de “corpo falante”, que aqui, em nosso Prefácio à primeira edição brasileira

14 Jairo Gerbase, “O corpo, lugar de gozo”, *O homem tem um corpo*, *op. cit.*, p. 29.

15 Jacques Lacan, *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*, *op. cit.*, p. 98.

deste livro, aproximamos da figura de “um corp’áscrever”,¹⁶ de Maria Gabriela Llansol. Afinal, um leitor letrado não é exatamente um leitor erudito, mas um leitor que se deixa dividir pela letra.¹⁷ Seu corpo falante estará, desde então, para sempre marcado por aquilo que leu. Como tradutores deste livro, a quem coube devolver a Shoshana Felman o lugar de autora de alguns conceitos fundamentais da “psicanálise literária” – embora leitora amorosa (mas crítica) de seus autores preferidos –, não desejamos mais que o retorno a sua letra literal em nossa tradução.

João Rocha
Lucia Castello Branco

16 Sobre um “corp’áscrever”, Maria Gabriela Llansol escreve: “Há, pela última vez o digo, três coisas que metem medo. A terceira é um corp’áscrever. Só os que passam por lá sabem o que isso é. E que justamente isso a ninguém interessa”. Maria Gabriela Llansol, “Eu leio assim este livro” [Prefácio atribuído a A. Borges], *O livro das comunidades*, Lisboa, Relógio D’Água, 1999, p. 10.

17 Fazemos alusão aqui à brilhante palestra de Eduardo Vidal, intitulada “Letra”, em que ele percorre o conceito de “letra” em Lacan, proferida no Centro Cultural da UFMG, em 11 de abril de 2014 (texto inédito).